

Mineiro de Juiz de Fora, Troiano participou ativamente do Movimento Estudantil secundarista. Foi preso por ter pichado o Morro do Cristo, naquela cidade, com frases em defesa do socialismo. Cumpriu pena de seis meses no presídio de Linhares (Juiz de Fora). Existe também a informação de que foi preso na cidade de Rubim, região do Jequitinhonha, no norte de Minas. Ao ser posto em liberdade, no final de 1970, em razão da perseguição que lhe moviam os órgãos de repressão, já militando no PCdoB, optou por viver no interior do Pará, na posse de Chega Com Jeito, próximo ao Brejo Grande, no Araguaia. Destacou-se como combatente do Destacamento A, onde usava o nome Manoel ou Mané.

No Relatório Arroyo, consta que, "em 25/12/73 estava sendo aguardado no acampamento que sofreu o tiroteio neste mesmo dia por volta de 12:00 hs, deveria chegar à tarde, por isto talvez ainda estivesse vivo". Segundo o Relatório do Ministério da Marinha, apresentado em 1993 ao ministro da Justiça Maurício Corrêa, foi morto em 12/01/1974.

O site www.desaparecidospoliticos.org.br traz uma longa declaração prestada ao Ministério Público Federal, em 06/07/2001, em São Domingos do Araguaia, pelo casal de camponeses Luiz Martins dos Santos e Zulmira Pereira Neres.

Reportam aqueles moradores do Araguaia: "cerca de 10 dias após a soltura do declarante, este foi com sua esposa para sua antiga residência no Tabocão; (...) que, pouco tempo depois, viu a chegada, na sua casa, de João Araguaia (Demerval da Silva Pereira), Manoel (Rodolfo de Carvalho Troiano) e Sebastião, adolescente, sobrinho dos declarantes e filho do Zé dos Santos; que João Araguaia e Manoel lhe disseram que tinham vindo entregar o Sebastião para a família; que Sebastião voltou à mata para buscar os seus pertences, enquanto que a declarante foi chamar seu marido e Zé dos Santos; (...) que Manoel tinha aparência amarela, magro e dentuço; que João Araguaia tinha a mesma aparência de antes: forte, trajando bermuda jeans, sem camisa, portando metralhadora e um revólver 38 na cintura; que o declarante ouviu de João Araguaia que este tinha responsabilidade para com o menino Sebastião e por isso estava voltando para entregá-lo à sua família; que Zé dos Santos nem esperou Sebastião, disse que iria ao Brejo Grande pegar um carro para ir (...) avisar aos militares que seu filho havia voltado, já que sabia que este seria preso caso não informasse;(...)

Zé dos Santos contou a história e voltou logo com 2 equipes de 12 soldados até a casa dos declarantes no Tabocão; que os militares interrogaram Sebastião e, no dia seguinte, às 4 horas da manhã, com lanternas acesas foram para a mata, levando Sebastião; que, por volta das 6 ou 7 horas da manhã, os declarantes ouviram rajadas de tiros e, logo em seguida, 2 tiros separados; que, em seguida, chegou um soldado de volta da mata, pedindo uma rede; que os declarantes deram-lhe a rede; que, em seguida, os militares e Sebastião voltaram da mata, carregando a rede com um corpo envolto em um saco plástico azul; que os militares jogaram a rede na frente da casa dos declarantes, como se joga um porco, e chamaram Zé dos Santos para cavar a sepultura; que Zé dos Santos cavou a sepultura a 5 metros da frente da casa de seu cunhado, próximo a um tronco grosso caído; que os militares e Sebastião falaram aos declarantes que foi Manoel quem foi morto; (...) que os militares e Sebastião contaram aos declarantes que, após a rajada de tiros, esperaram a fumaça de pólvora subir um pouco e foram fazer a busca; que eles encontraram sangue no chão e foram seguindo o seu rastro; que ao chegarem em um pau atravessado na mata, constataram que Manoel estava deitado em baixo do pau com um tiro nas costas, à altura da cintura, mas ainda vivo; que um dos militares pegou sua FAL, apontou para a cabeça de Manoel, e deu dois tiros. (...). Quase ao mesmo tempo da chegada do corpo, chegou também um helicóptero. Os militares roçaram um mamonal para o helicóptero poder aterrissar entre a casa da mãe da declarante e do seu irmão e levaram no helicóptero os pertences dos guerrilheiros".



HÉLIO LUIZ NAVARRO DE MAGALHÃES (1949-1974)

Número do processo: 111/96

Filiação: Carmen Navarro Rivas e Hélio Gerson Menezes de Magalhães

Data e local de nascimento: 23/11/1949, Rio de Janeiro (RJ)

Organização política ou atividade: PCdoB

Data do desaparecimento: 14/01/1974

Publicação no DOU: Lei nº 9.140/95 - 04/12/95

Filho de um comandante da Marinha, o estudante carioca Hélio Luiz Navarro de Magalhães cursou Química na Universidade Federal do Rio de Janeiro e também estudava piano. Participou ativamente do Movimento Estudantil entre os anos de 1967 e 1970. Devido às dificuldades impostas pelo AI-5, terminou abandonando a vida universitária e foi viver na região do Araguaia, já incorporado à militância do PCdoB, sendo conhecido por Edinho no Destacamento A. Seus companheiros relataram que, inicialmente, enfrentou dificuldades de adaptação à vida na selva, principalmente para cozinhar e calcular distâncias. Como passou a contar cada passo, Edinho adquiriu o apelido de "passômetro", mas também a capacidade de calcular distâncias com grande precisão. Tocava flauta na floresta.

Referindo-se ao mês de janeiro de 1974, Ângelo Arroyo escreveu em seu Relatório: "*dia 14, acamparam próximo a uma capoeira abandonada e onde a casa do morador havia sido queimada pelo Exército. Ao amanhecer do dia 14, dois companheiros foram ver se conseguiam alguma mandioca. (...) Às 9h30, quando estavam preparando uma refeição, ouviram um barulho estranho na mata. Ficaram de sobreaviso, com as armas na mão. Viram então os soldados que vinham seguindo o rastro e passaram a uns dez metros de onde os companheiros se encontravam. Os soldados atiraram, ouviram-se várias rajadas. J., Zezim e Edinho (Hélio Luiz Navarro) escaparam por um lado. Não se sabe se os outros três – Piauí, Beto e Antônio – também escaparam*".

O Relatório do Ministério da Marinha, apresentado em 1993 ao ministro da Justiça, contém três anotações sobre Hélio: "*Fev/74 – Foi preso gravemente ferido, como terrorista, na região de Chega com Jeito, portando um fuzil metralhadora adaptado cal.38, um revólver cal.38 e uma cartucheira com 36 cartuchos. Fev/74 – filho do Comte. Hélio Gerson Menezes Magalhães, foi preso após ter sido ferido. Possibilidades de sobrevivência desconhecidas. Nov 74 – relacionado entre os que estiveram ligados à tentativa de implantação da guerrilha rural, levada a efeito pelo CC do PCdoB, em Xambioá. Morto em 14/03/74*".

O *Correio Brasileiro* publicou, em 17/06/2007, matéria de Leonel Rocha, que acabava de realizar uma visita de quatro dias à região da guerrilha. O jornalista informa: "*quem também voltou à sua antiga roça foi Raimundo Nonato dos Santos. Aos 77 anos, é conhecido como Peixinho e esteve no centro dos combates. Ele conta que perdeu porcos, patos, galinhas e uma chácara com frutas e legumes plantados. 'Me corta o coração falar desse assunto hoje', diz Peixinho, que chama os antigos guerrilheiros de 'o povo da mata'. Obrigado pelo Exército, localizou o guerrilheiro Hélio Luiz Navarro de Magalhães, conhecido como Edinho, preso e ferido pela patrulha em março de 1974*".

No livro de Elio Gaspari, *A Ditadura Escancarada*, consta a informação de que o ex-encarregado da lanchonete da Bacaba, José Veloso de Andrade, viu Edinho preso naquele acampamento. O já mencionado relatório que quatro procuradores do Ministério Público Federal produziram em 2002 registra que ele foi preso e ferido em confronto com as Forças Armadas, em São Domingos do Araguaia, na mesma ocasião em que foi preso Luiz René Silveira e Silva, o Duda. Essa informação é confirmada por Tais Moraes e Eumano Silva em *Operação Araguaia: "Preso quando o mateiro Raimundo Nonato dos Santos, o Peixinho, junto com o soldado Ataíde e o capitão Salsa, encontrou-o com Duda perto da 'cabecira da Borracheira'. Durante o embate Edinho levou três tiros. Duda nada sofreu. Edinho foi colocado em uma padiola e socorrido. Os dois foram transportados de helicóptero*".

Em carta escrita por Carmen Navarro Rivas mãe de Hélio Luiz Navarro de Magalhães, a família abriu mão da indenização prevista na Lei nº 9.140/95 e pediu às autoridades esclarecimentos sobre o desaparecimento de seu filho: "*que se abra o caminho da verdade que está nas mãos daqueles que o possuem*". A carta também é assinada por Diana Pilo, mãe de Pedro Alexandrino Oliveira Filho. No site www.desaparecidospoliticos.org.br/araguaia, considerado como a mais abrangente fonte de informações e documentação pertinentes àquele episódio de guerrilha, constam outras informações sobre o caso.



VANDICK REIDNER PEREIRA COQUEIRO (1949–1973)

Número do processo: 046/96

Filiação: Elza Pereira Coqueiro e Arnóbio Santos Coqueiro

Data e local de nascimento: 09/12/1949, Boa Nova (BA)

Organização política ou atividade: PCdoB

Data do desaparecimento: 17/01 ou setembro/1974

Data da publicação no DOU: Lei nº 9.140/95 – 04/12/95